



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 670-694

Ruminação em idosos:
uma revisão sistemática das alterações cognitivas

Rumination in the elderly:
a systematic review of cognitive changes

Ana Iza Gomes da Penha Sobral
Antonio Roazzi
Aline Cavalcante Santana
Lucas Migge
Renata Maria Toscano Lyra Nogueira

Resumo: Objetivo: Identificar as principais alterações cognitivas em idosos com alto índice de ruminação e os principais instrumentos utilizados para avaliação da ruminação e de funções cognitivas. Métodos: Revisão sistemática de estudos selecionados nas bases Web of Science, PsycINFO, Scielo, Scopus e Pubmed, publicados em inglês, no período de janeiro de 2010 a setembro de 2020. A busca de artigos resultou em 580 estudos. A seleção foi realizada em três fases: leitura de títulos, resumos e leitura de artigos completos, seguindo critérios de inclusão e exclusão, por dois revisores independentes, resultando em oito estudos elegíveis. Resultados: A Escala de Respostas Ruminativas (RSS) foi o instrumento mais utilizado para avaliar a ruminação e as alterações cognitivas mais encontradas foram: déficits de inibição para informações de valência negativa, dificuldades de recuperação da memória autobiográfica; alterações na memória episódica e na velocidade da memória de trabalho; prejuízos no controle cognitivo durante o aprendizado de regras, raciocínio conceitual pobre, menor flexibilidade cognitiva, dificuldades de aprendizagem em ambientes complexos e diminuição da capacidade de resolução de problemas. Conclusão: A ruminação em idosos pode acarretar prejuízos cognitivos, sendo assim, profissionais devem estar atentos às necessidades tendo em vista o fato do crescimento de idosos no mundo. Trata-se de uma temática recente que requer novas pesquisas com mais alta evidência científica para estimular a capacidade cognitiva de idosos com ruminação.

Palavras-Chave: ruminação, idoso, cognição, envelhecimento, alterações cognitivas.

Abstract: Aim: To identify the main cognitive alterations in older people with a high rate of rumination and the main instruments used to assess rumination and cognitive functions. Methods: Systematic review of selected studies in the Web of Science,

PsycINFO, Scielo, Scopus, and Pubmed databases, published in English, from January 2010 to September 2020. The search for articles resulted in 580 studies. The selection was carried out in three stages: reading titles, abstracts and reading of complete articles, following inclusion and exclusion criteria, by two independent reviewers, resulting in eight eligible studies. Results: The Ruminative Response Scale (RSS) was the instrument most used to assess rumination, and the most common cognitive alterations were: inhibition deficits for negative valence information, difficulties in recovering autobiographical memory; changes in episodic memory and working memory velocity; impairments in cognitive control during rule learning, poor conceptual reasoning, less cognitive flexibility, learning difficulties in complex environments, and impaired problem-solving ability. Conclusion: Rumination in the elderly can lead to cognitive impairment; therefore, professionals must be aware of the needs since the number of older adults is growing globally. This is a recent topic that requires new research with more scientific evidence to stimulate the cognitive capacity of older people with rumination.

Keywords: rumination, elderly, cognition, aging, cognitive changes.

O aumento da população idosa é um fenômeno crescente e universal. Estima-se que 21% da população mundial, em 2050, terá pelo menos 80 anos (Fávaro-Moreira et al. 2016). Entre os fatores que marcam o envelhecimento populacional, a queda do índice de natalidade e da mortalidade são dois dos mais influentes (Firmo et al. 2020). Caracterizado por ser um processo dinâmico, progressivo e irreversível o envelhecimento é relacionado com fatores biológicos, psíquicos e sociais (Brito & Litvoc, 2004).

O avanço da idade frequentemente está acompanhado de uma diminuição da capacidade cognitiva, mesmo em pessoas idosas consideradas saudáveis (Singh-Manoux et al. 2011). Este declínio parece ser atenuado pela reserva cognitiva cultivada ao longo da vida obtendo efeitos positivos, reduzindo a neurodegeneração ainda que associada a transtornos como de ansiedade (Stern & Barulli, 2019). Uma condição que está relacionada à redução da capacidade cognitiva mesmo na população cognitivamente preservada é a ruminação (Oodebeeck et al. 2015).

Descrita como um padrão de pensamento caracterizado por um estilo abstrato, repetitivo, incontrollável e focado em sensações negativas, a ruminação pode estar relacionada a eventos passados e produzir efeitos negativos no humor (Nolen-Hoeksma, 1991; Smith & Alloy, 2009). Segundo Segerstrom et al (2003), é um padrão de pensamento intrusivo e aversivo que geralmente contém temáticas relacionada ao fracasso e, necessariamente, envolve afeto negativo. Difere da preocupação por possuir função e orientação temporal diferentes, ou seja, a ruminação se prende à auto-compreensão no tempo passado (Kowalski & Schermer, 2018), gira em torno de um

tema, em torno do fracasso de uma meta (Segerstrom et al, 2003), enquanto que a preocupação é orientada para o futuro, com foco nas ameaças que podem acontecer (Watkins et al., 2005)

Apesar da ruminação estar presente em todas as pessoas em algum grau, nem toda ruminação é igualmente disfuncional. Ela assume essa dimensão quando associada à mau-humor, tristeza e desmotivação e/ou a traços de personalidade (Zanon & Hutz, 2010). O que difere um ruminativo “patológico” de um ruminativo “normal” é o tempo que a pessoa despende com pensamentos de caráter negativo e repetitivos, ou seja, um ruminativo “patológico” pode passar dias ou meses reavaliando a situação estressora, enquanto que o ruminativo “normal” passa em torno de algumas horas ou poucos dias (Zanon & Hutz, 2010).

Tem sido descrita como um construto de duas dimensões: o “brooding” e o “reflection” (Treyner et al. 2003). O “*brooding*” refere-se a um padrão mal-adaptativo de comparação da realidade com padrões não alcançados, e o “*reflection*”, um padrão mais adaptativo, uma introspecção para analisar e resolver os problemas (Treyner et al. 2003; ESSzlari et al. 2019; Kuyken et al. 2006; Lo et al. 2008; STtein et al. 2014). A ruminação mal adaptativa depende do tipo de ruminação em que uma pessoa se envolve e de outras características individuais (Marroquin et al. 2010). Compreender essa distinção é importante para identificar os seus impactos, pois há indícios de que as formas de ruminação também estão associadas às diferentes disfunções no processamento emocional e cognitivo (Mandell et al. 2014).

A descrição sobre a gênese da ruminação pode seguir dois caminhos distintos, a depender da escolha da linha teórica adotada. Na primeira linha, a ruminação é tida como resultado de um transtorno ou disfunção anterior (Stein et al. 2014). Contribuindo com este entendimento, Philippot e Agrigoroaei (2017) apontam que o declínio das capacidades cognitivas no idoso promove maior risco de desenvolvimento de pensamento repetitivo, o que também pode ser responsável pela alta tendência de depressão nessa população.

Já a outra linha de entendimento, e adotada para a presente revisão, diz respeito à ruminação como traço estável de personalidade, tendo em vista que, uma tendência à ruminação se estabiliza com o tempo e, podendo ser considerada como uma característica pessoal (Fleckhammer, 2004; Stein et al. 2014; Zanon, 2009). Dessa forma, por se distinguirem devido às suas características intrínsecas, as pessoas com alta ruminação se diferem das que não possuem esse traço ou que o possuem em

menores níveis, na forma de ver o mundo, na qualidade de vida, no comportamento e nas psicopatologias apresentadas (Zanon & Hutz, 2009).

Seguindo essa vertente, a ruminação é frequentemente associada ao neuroticismo, um fator da personalidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores (Trapnell & Campbell, 1999) relacionado à insatisfação com a vida e humor negativo. Pesquisas apontam o neuroticismo como um traço de personalidade tendo ruminação como um estilo cognitivo de enfrentamento de situações (Du Pont et al. 2019).

A ruminação é um fator de risco para os idosos devido a dois principais fatores. O primeiro é a existência de desafios típicos desta fase da vida, levando a diminuição e, por vezes, perda dos papéis ocupacionais e sociais ou o surgimento de limitações físicas, cognitivas e psicossociais. Estes limitadores estão associados à tristeza, solidão e insatisfação com a vida. O segundo grande fator é a tendência comum ao público longevo de lembrar mais o seu passado (Schneider & Brassens, 2016), podendo ocasionar um agravamento de prejuízos relacionados à alta ruminação nos idosos.

Tendo em vista que a ruminação é um fator de risco para a cognição do idoso, a presente revisão tem como objetivo identificar, a partir de uma revisão sistemática nas principais bases de dados científicas, as principais alterações cognitivas em idosos com alto índice de ruminação. Além disso, serão identificados os principais instrumentos utilizados para avaliação da ruminação e das funções cognitivas.

2. MÉTODO

Trata-se de uma revisão sistemática sobre as principais alterações cognitivas encontradas em idosos que apresentam índice de ruminação. Para tal, a presente revisão foi desenvolvida de acordo com *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses guidelines* - PRISMA (GALVÃO et al. 2015), visando apresentar uma metodologia minuciosa e replicável, oferecendo uma estrutura abrangente que avalia objetivamente os indicadores de qualidade e risco de viés na pesquisa.

Dessa forma, a questão de pesquisa foi a seguinte: quais são as principais alterações cognitivas encontradas em idosos com ruminação? A partir de então, na literatura atual, procurou-se identificar os questionários utilizados para avaliar a ruminação, os principais instrumentos para a avaliação cognitiva e quais as principais

funções cognitivas alteradas. Ainda assim, pôde-se explicar sobre questões conceituais e metodológicas encontradas.

A seleção dos artigos aconteceu no período de novembro de 2020 a janeiro de 2021. O string de pesquisa booleana utilizado para garantir a captura de uma ampla variedade de documentos foi: (rumination OR rumination cognitive OR mullover OR brooding OR depressive rumination OR repetitive thinking OR perseverative cognition) AND (cognition OR Cognitive Dysfunction) AND (aged OR elderly). A escolha desse string se deu a partir de uma combinação de palavras cadastradas no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e de termos livres que foram escolhidos com base em uma leitura exploratória sobre o tema nos artigos consultados e nas bases de dados bibliográficas Web of Science, PsycINFO, Scielo, Scopus e Pubmed.

2.1 Seleção de Documentos

A pesquisa inicial produziu 580 artigos (Scopus = 86; Web of Science = 35; Scielo= 14; PsycINFO = 245; Pubmed = 200). O processo de seleção dos artigos teve três fases. A primeira consistiu em uma seleção inicial com base na leitura dos títulos; a segunda, a partir da leitura dos resumos e, a terceira parte, uma escolha final a partir da leitura completa do estudo.

Visando minimizar o potencial risco de vieses, foram estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão previamente e, logo após, dois pesquisadores trabalharam às cegas e individualmente. Em seguida, foi feita a comparação das planilhas. As divergências encontradas foram sanadas através da leitura completa do artigo por um terceiro avaliador. Caso ainda restassem dúvidas, a obra seria inserida na revisão, o que não ocorreu.

2.1.1 Critérios de inclusão e exclusão

Para a seleção dos estudos, foram incluídos: artigos originais completos, open access, publicados em inglês, que abordaram as questões de pesquisa. Além desses, a amostra deveria ter participantes com idade média superior a 60 anos e os artigos deveriam ser publicados entre janeiro de 2010 a setembro de 2020. Esse período foi especificado visando uma busca na produção científica da última década.

Artigos que não respondiam a alguma questão de pesquisa, que não fizeram avaliação cognitiva e/ou não especificaram os instrumentos utilizados foram excluídos; conferências, livros e capítulos de livros; teses e dissertações foram estabelecidos

como critérios de exclusão. Além disso, asseguramos que se houvesse algum artigo em mais de uma base de dados, apenas um desses seria incluído na revisão.

2.1.2 Extração de dados

As publicações elegíveis para essa revisão visou extrair as seguintes variáveis: título e ano de publicação, objetivo do estudo, amostra/metodologia, avaliação da ruminação e cognitiva, relação cognição e ruminação e resultados dos artigos. Os dados foram organizados utilizando planilhas do Excel® e podem ser visualizados no Apêndice A.

2.2 Avaliação da qualidade dos estudos

Os critérios de avaliação da qualidade adotados para o nosso estudo basearam-se em alguns princípios e boas práticas estabelecidos para a condução da pesquisa utilizados no estudo desenvolvido por Dybå & Dingsøyr (2008). As perguntas foram respondidas usando uma escala de três níveis compreendendo as seguintes gradações Sim (1), Parcialmente (0,5) e Não (0) para questões metodológicas, aderência temática, etc. Para essa revisão, foram inseridos artigos que pontuassem igual ou superior a 0,5 em cada questão de análise.

3 Resultados

Foram identificados 580 artigos nas bases de dados consultadas, sendo 8 excluídos por repetição. Dos 572 artigos, 484 foram excluídos a partir da leitura dos títulos e resumos, na qual 88 foram para a fase da leitura completa do texto. Desses, 80 artigos foram eliminados e oito foram elegíveis para inclusão no estudo (para maior compreensão ver Figura 1).

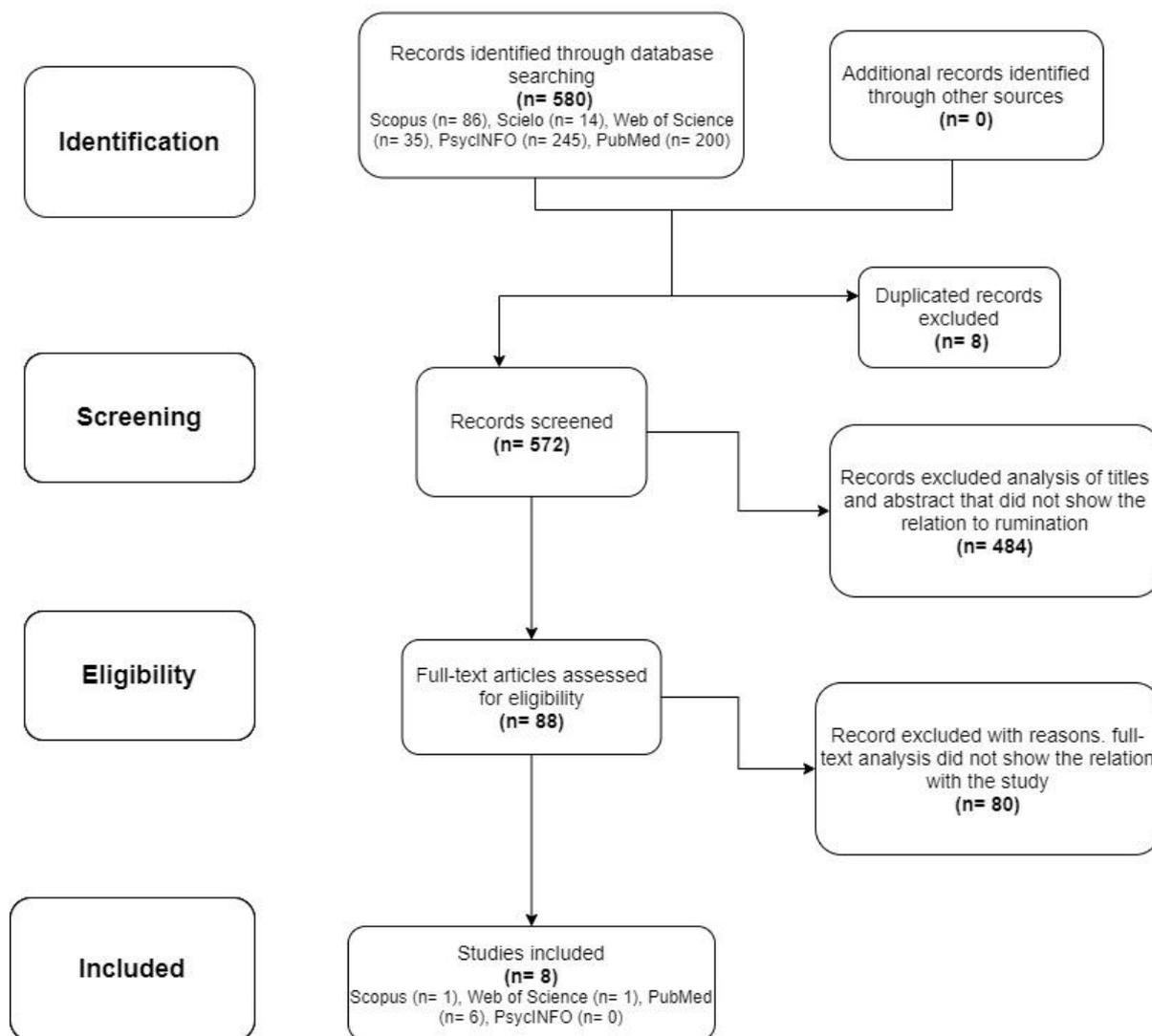


Figura 1. Fluxograma dos artigos incluídos na revisão baseado no modelo Prisma (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses)

Os estudos elegíveis possuem amostras que variam de 15 a 236 participantes. O público alvo dos estudos foi composto por um total de 688 indivíduos idosos, quando somados os participantes de cada estudo, com idade que variou de 62 a 83 anos e, em países da Europa e da América do Norte. Reino Unido representa 33% dos artigos (Julien et al. 2016; Trick et al. 2019; Opdebeeck et al. 2015) e Bélgica, 22% (Delespau & Zech, 2015; Philippot & Agrigoroaei, 2017), seguido dos Estados Unidos (GAandelman et al., 2018), Austrália (Johnco et al., 2013) e Alemanha (Schneider & Brassen, 2016).

Apesar da distribuição total do sexo se mostrar equilibrada, em cinco artigos a proporção de mulheres foi de ao menos dois terços do total (Gandelman et al. 2018;

Philippot et al. 2017; Delespaux & Zech, 2015; Schneider & Brassens, 2016; Johnco et al. 2013), demonstrando que o público feminino é maioria.

Com relação à produção científica por ano, o número de pesquisa foi basicamente uniforme, sendo um artigo a cada ano, de 2013 a 2019, com exceção de 2015 e 2016, que foram encontrados dois artigos e 2014 que não foi encontrado estudos com esse tema. O fato de se ter uma produção relativamente recente (2019) evidencia a necessidade de se aprofundar nessa temática importante para elaborar estratégias de enfrentamento e intervenção.

3.1 Instrumentos de avaliação da Ruminação

Para avaliar a ruminação, a Escala de Respostas Ruminativas (RSS) foi o instrumento mais utilizados (Delespaux & Zech, 2015; Opdebeeck et al. 2015), sendo encontrado em mais de 62% dos artigos. Alguns estudos utilizaram mais de um instrumento para a avaliação da ruminação, devido à forte relação com depressão e ansiedade. O segundo instrumento mais evidenciado nessa revisão foi o Penn State Worry Questionnaire (PSWQ), que é capaz de mensurar construtos como ansiedade e preocupação (Johnco et al. 2013). Na figura 2, encontram-se descritos os instrumentos e sua frequência de utilização nos artigos elegíveis.

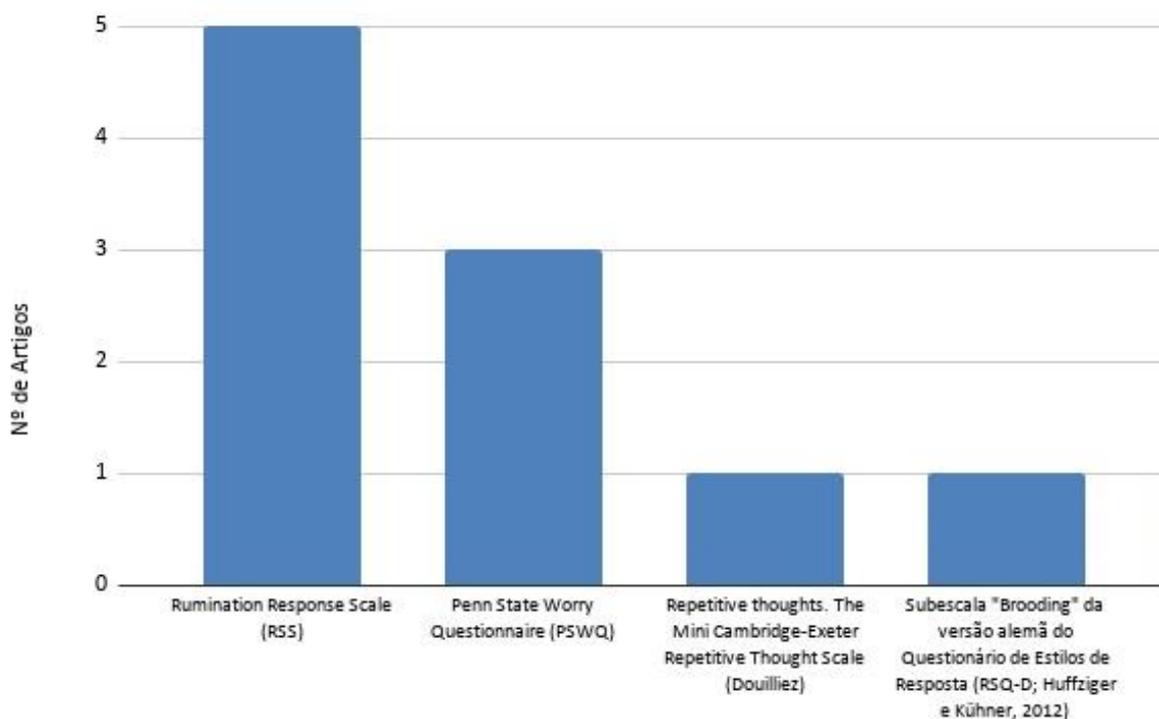


Figura 2. Identificação e frequência de instrumentos de avaliação da ruminação

3.2 Instrumentos de avaliação cognitiva

Sendo assim, para avaliação geral da cognição, percebeu-se, predominantemente, o uso da Avaliação Cognitiva Montreal (MoCA) em 33,3% dos estudos. Outras funções cognitivas foram avaliadas com o uso de testes distintos como o de memória operacional, memória autobiográfica, fluência verbal e produção de escrita. O teste de Stroop e o For the Trail Making Test (TMT, Reitan) foram usados em 22,2% dos artigos. Não houve um padrão para a escolha do tipo de teste de fluência verbal e de memórias, aparecendo testes como Rivermead Behavioural Memory Test Version 2 (RBMT-2), The Fluency test, Controlled Oral Word Associations Test (COWAT), Ruff Figural Fluency Test (RFFT).

Vale destacar que um dos estudos analisou a ruminação em contexto específico como o luto (Delespaux & Zech, 2015). Dessa forma, houve testes neuropsicológicos distintos para avaliar algumas condições, como por exemplo, avaliação dos sintomas do Transtorno de Luto (The Inventory of Traumatic Grief - ITG) e, para a avaliação cognitiva global, enfatizando a linguagem, memória e produção de escrita, utilizou o Mini exame de estado mental (MMSE), que trata-se de um questionário de rastreio cognitivo.

3.3 Principais alterações cognitivas decorrentes da ruminação

Nessa revisão, pôde-se identificar que as alterações cognitivas predominantes em idosos com índice de ruminação são: déficits de inibição para informações de valência negativa (Julien et al. 2016); problemas para encontrar memórias positivas específicas; dificuldades de recuperação da memória autobiográfica, necessitando de mais tempo para resgatá-las e, ainda assim, apresentam lembranças bem menos detalhadas do que jovens e pacientes que não ruminam (Schneider & Brassens, 2016); prejuízo na memória episódica e na velocidade da memória de trabalho (Gandelman et al. 2018); prejuízos no controle cognitivo durante o aprendizado de regras; raciocínio conceitual pobre; menor flexibilidade cognitiva (Delespaux & Zech, 2015; Johnco et al. 2013); dificuldades de aprendizagem em ambientes complexos e diminuição da capacidade de resolução de problemas (Trick et al, 2019).

Logo abaixo, na Figura 3, são apresentadas as funções cognitivas mais relatadas nos estudos. Em alguns deles, duas ou mais funções foram apresentadas concomitantemente.

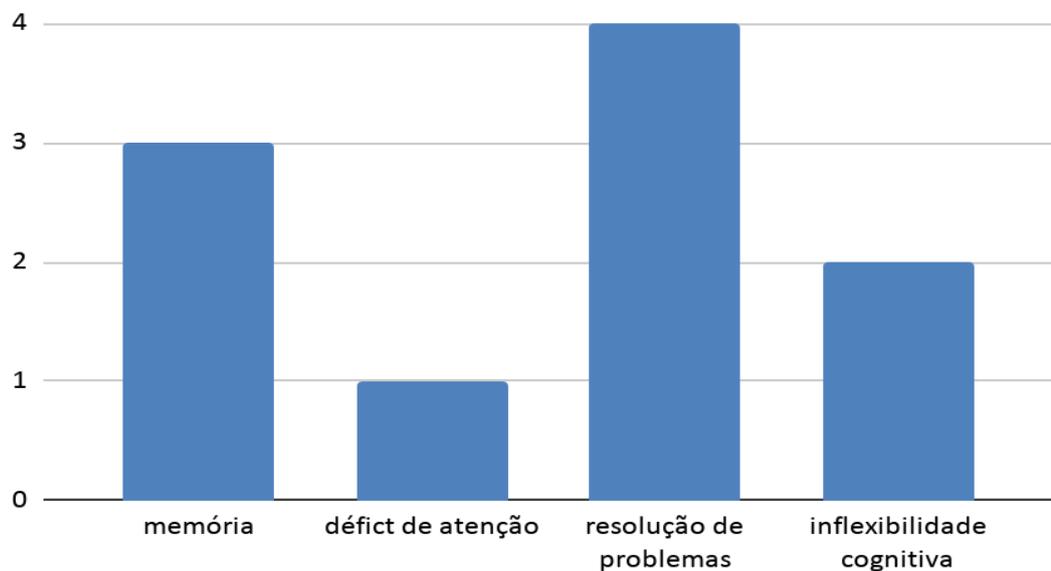


Figura 3. Identificação e quantificação dos componentes cognitivos avaliados nos artigos

4 Discussão

Embora a ruminação tenha uma definição unificada e consensual limitada (Dinis et al., 2011), a conceituação mais utilizada é que se consiste em um padrão de comportamentos e pensamentos repetitivos que intensifica e prolonga as emoções negativas (Treyner et al. 2003). Segundo William (2017) o cérebro ruminativo possui um padrão de conectividade neural alterada, apresentando uma hiperconectividade quando associada a ruminações sobre preocupações internas e sobre o futuro.

No campo da psicopatologia, apresenta uma alta consistência na predição do aparecimento e na duração de sintomas depressivos, além de apresentar associação com ansiedade e compulsão alimentar, não apenas em idosos, mas em jovens e adultos (MCLAughlin et al. 2014; Nolen-Hoeksema & Watkins, 2011; Zanon, et al. 2018).

O fato de alguns estudos demonstrarem que a ruminação não diminui mesmo quando os sintomas depressivos são controlados (Nolen-Hoeksema & Davis, 1999; Roberts, et al. 1998; Dinis et al., 2011) e que o cérebro de um indivíduo ruminativo apresenta padrões neurais distintos (Hagerty & Williams, 2020) corrobora com a teoria

de que o estilo de resposta ruminativo se constitui como um traço individual (Roberts et al., 1998; Watkins, 2009; Dinis et al., 2011) e não como sintoma satélite de outros transtornos.

Nessa revisão, identificamos que a Escala de Respostas Ruminativas (RRS) foi a mais aplicada. Esse achado converge com a literatura quando apresentam que este instrumento é amplamente difundido e utilizado (Dinis et al., 2011). Pressupõe-se aqui que essa grande utilização se deve ao fato desta escala apresentar um índice de consistência interna alta e por encontrar-se em tradução e adaptação para diversos contextos e idiomas, como por exemplo, japonês, coreano, português de Portugal e até no Brasil (Zanon et al. 2018; Dinis et al., 2011). Destinado à população mais velha, Rewston et al. (2007) construíram o RRS adaptado (aRRS) e, por ter sido validado em uma pequena amostra no Reino Unido, mais estudos precisam ser desenvolvidos visando sua generalização.

O Penn State Worry Questionnaire (PSWQ) foi o segundo instrumento avaliativo mais encontrado nesta revisão, possivelmente, devido ao fato da ruminação ser fortemente associada à preocupação e ansiedade (Crittendon & Hopko, 2006). Entretanto, esse instrumento apresenta uma ressalva ao ser aplicado em idosos, pois demonstrou ter propriedades psicométricas adequadas em amostras mais jovens. Sendo assim, uma versão reduzida conhecida como PSWQ-A foi desenvolvida e se mostrou útil para ser utilizado como uma medida de triagem em indivíduos mais velhos (Wuthrich et al. 2014).

Com relação à avaliação cognitiva, foram utilizados instrumentos de rastreio cognitivo como o Montreal Cognitive Assessment (MoCA) e o Mini-Exame de Estado mental (MEEM), além de instrumentos que avaliaram funções específicas como o Stroop para a atenção seletiva, capacidade inibitória e flexibilidade mental; o For the Trail Making Test (TMT) para a atenção seletiva e alternada, rastreio visual complexo, destreza motora e funções executivas (capacidade inibitória e alternância cognitiva) e o Teste de fluência Verbal para funções executivas e linguagem (Valentin et al. 2015; Martins, et al. 2019).

Tendo em vista que mais de um terço dos sujeitos de 60 anos ou mais apresenta prejuízo em algumas funções cognitivas (Gil, 2005) e que há evidências de que pensamento ruminativo tende a se concentrar em questões cognitivas, por exemplo, memória autobiográfica (Sansom-Daly et al. 2016), velocidade de processamento das informações (Yassuda et al. 2011) e tipos de atenção (Shigaeff et al. 2011), a escolha

e priorização desses instrumentos, além de serem os mais utilizados na literatura, relacionam-se com os prejuízos ocasionados pela ruminação.

A situação se torna mais delicada se estiver associada à outra condição de saúde, isso porque, além de afetar a percepção de como o indivíduo se vê e se sente, a ruminação traz consequências prejudiciais na sociabilidade (Hagerty & Williams, 2020). Segundo Julien, Rimes e Brown (2016), o contexto particular pode reforçar a tendência ruminativa e exemplificam em seu estudo que idosos com Doença de Parkinson relatam medo de cair em público ou de receberem uma avaliação negativa de alguém e por este motivo evitam sair casa.

Os efeitos da ruminação podem ser igualmente prejudiciais para ambos os sexos (Zanon et al. 2012). Estudos apontam que as mulheres ruminam mais do que os homens, e essa tendência se confirma com o maior percentual de mulheres participando da amostra geral dessa revisão. Estudos atribuem que esta diferença se refere ao fato dessas se sentirem mais insatisfeitas com a vida, indicado por níveis mais altos de neuroticismo (Buchholz et al, 2016; Zanon & Hutz, 2009), de expressarem mais seus sentimentos, serem mais expostas a eventos estressores do que homens, tendendo a maiores níveis de angústia, ansiedade e stress até o fato de que os homens utilizam estratégias como distração ou enfrentamento direto (Broderick & Korteland, 2002).

Cognitivamente, a ruminação ocasiona alterações em diversas dimensões como a função executiva (Watkins & Brown, 2002), capacidade de resolução de problemas, criatividade (Wang et al. 2020), a fisiologia (Segerstrom et al, 2003) e a recuperação de memórias, principalmente a autobiográfica (Schneider & Brassens, 2016). Destacam-se aqui a função executiva e memória autobiográfica.

Com relação à função executiva, dados neurofisiológicos indicam associação estreita entre alterações nessas capacidades, quadros de depressão e ruminação (Auerbach et al., 2013). Dessa forma, a monitoração, avaliação e modificação das respostas emocionais negativas estão relacionadas à disfunção executiva (Snyder et al., 2015), sendo a hipoativação do córtex pré-frontal, identificada a partir da eletroencefalografia, associada à ruminação (Ferdek et al., 2016).

A tendência de recordação da memória autobiográfica parece estar relacionada com déficits na prospecção do futuro e humor deprimido, apresentando maior vulnerabilidade para depressão (Gibbs & Rude 2004). Os efeitos da ruminação na recuperação de memórias autobiográficas em indivíduos deprimidos indicou que a

ruminação de valência negativa atua como um mecanismo mediador da recordação de memórias genéricas em indivíduos altamente deprimidos (Sutherland & Bryant, 2007). Entretanto, há indícios que a supergeneralização de memórias autobiográfica trata-se de um traço estável que torna a pessoa mais vulnerável à depressão (Raes et al., 2008).

Recentemente, a ruminação tem sido reconhecida como um fator transdiagnóstico relacionado à procrastinação, à resolução inadequada de problemas pessoais (Philippot & Agrigoroaei, 2017) e à diminuição do bem-estar da pessoa longeva (Schneider & Brassens, 2016).

Além de alterações cognitivas, questões comportamentais também foram consideradas e listadas, apesar de não serem o enfoque deste trabalho. Entre elas, a mais evidente foi o papel da ruminação como um preditor psicológico de depressão em pessoas com mais de 60 anos, além de se relacionar diretamente com a gravidade, frequência e duração dos episódios (Opdebeeck et al. 2015; Philippot & Agrigoroaei, 2017; Schneider & Brassens, 2016), especialmente em casos da presença da Doença de Parkinson (Julien, et al. 2016) e da Síndrome Coronária Aguda - SCA (Trick et al. 2019).

Outras disfunções comportamentais presentes em indivíduos idosos ruminantes são: a tendência a se sentir ameaçado, nervoso, frustrado ou chateado quando confrontados com algum problema; a interferência na confiança para a tomada de decisões; diminuição da manutenção do suporte social; redução da resposta ativa frente à busca de soluções (Trick et al, 2019); e a queda da capacidade de resposta ao arrependimento, de forma bem mais alarmante em idosos que ruminam do que em jovens com o mesmo traço (Schneider & Brassens, 2016).

Um aspecto de destaque nessa revisão foi o alto desempenho dos idosos ruminantes na fluência verbal encontrado no estudo de Opdebeeck, Nelis, Quinn & Clare (2015). Este resultado contraria evidências em idosos com ruminação (Davis & Nolen-Hoeksema, 2000; Lyubomirsky et al, 2003) que sugerem um declínio amplo na memória de trabalho (Gandelman et al, 2018; Munoz et al, 2013) e recuperação de memórias (Schneider & Brassens, 2016) funções cognitivas indispensáveis para a fluência verbal (Silva et al. 2011).

O humor e a ruminância explicam a variância dos escores em testes cognitivos de idosos com baixos níveis de reserva cognitiva (Philippot & Agrigoroaei, 2017), interfere na confiança na tomada de decisões, na eficácia da resolução de problemas,

na manutenção do suporte social, na resposta ativa frente à busca de soluções (Trick et al. 2019) e pode levar a problemas de saúde física, como pior saúde vascular, disfunção imunológica e pior resposta de cicatrização (Trick et al, 2019). Idosos que ruminam também estão mais vulneráveis a prejuízos na capacidade de resposta ao arrependimento, o que afeta negativamente o estado de humor, sendo mais prejudicial aos idosos do que aos jovens (Schneider & Brassens, 2016).

Em suma, a ruminação está fortemente associada com sintomas de várias psicopatologias, incluindo depressão, ansiedade e transtornos alimentares, preocupação exacerbada, dentre outros, fazendo com que indivíduos que a possui sejam mais propensos a experimentar estados emocionais negativos prolongados, bem como a desenvolver subsequentemente depressão.

Nos últimos anos, intervenções focadas na ruminação foram desenvolvidas, visando o controle cognitivo e estimular a capacidade de inibir pensamentos negativos. O estudo de Daches e Mor (2014) treinaram indivíduos para inibir informações negativas irrelevantes, obtendo melhora na inibição e na redução na ruminação que se aproximaram da significância. Outro tipo de intervenção que apresentou bons resultados para aprimorar a função executiva e, conseqüentemente, diminuir a ruminação e sintomas depressivos é o Neurofeedback, através do protocolo Pico de Alfa (PAF). Embora tenha sido realizado com estudantes universitários, essa técnica não invasiva pode ser aplicada a idosos, tornando-se um recurso em potencial para estimular o descarte de informações irrelevantes, pensamentos ou memórias negativas e, conseqüentemente, reduzir a ruminação e a depressão (Yu et al., 2020).

5 Conclusão

O aumento mundial da população idosa traz consigo a necessidade de identificação de alterações específicas dessa fase de vida, combinado com uma maior demanda para intervenções e tratamentos. Uma das demandas que se destaca é a cognitiva, devido a sua importância na capacidade e autonomia do indivíduo, exigindo dos profissionais e pesquisadores maior compreensão do envolvimento dos processos cognitivos envolvidos em traços de personalidades e em transtornos mentais, a fim de que avaliações e intervenções eficazes possam ser fornecidas.

A ruminação, entendida como traço de personalidade, predispõe ao idoso a alterações cognitivas. Diante disso, a presente revisão buscou identificar as principais alterações cognitivas encontradas em idosos com elevados índices de ruminação. Os

resultados indicam que esses idosos são mais vulneráveis aos impactos negativos da ruminação, pois há uma maior propensão para quadros depressivos e disfunções cognitivas, considerando as principais alterações, os testes usados e os dados demográficos levantados nesse estudo. Memória autobiográfica, função executiva, principalmente o controle inibitório, atenção e velocidade de processamento são algumas das alterações cognitivas mais reportadas nos estudos elegíveis para essa revisão.

As principais limitações existentes são a falta de estudos localizados fora do eixo América do Norte-Europa e a pequena quantidade de estudos que apontam a correlação entre as funções cognitivas e a ruminação no público acima dos 60 anos. Sendo assim, pesquisas futuras poderiam abordar essa temática realizando um estudo longitudinal e comparativo entre idosos com e sem altos índices de ruminação visando identificar essas alterações a partir de correlações ou até mesmo regressões em países em desenvolvimento, tendo em vista as diferenças nas condições psicossociais e econômicas.

Além disso, os achados desta revisão sistemática contribuem para aglutinar os estudos existentes até o momento e dar clareza a construção de estratégias de políticas públicas de prevenção e promoção de saúde cognitiva para idosos e estimular a realização de pesquisas que visam desenvolver métodos de avaliação eficazes e estratégias para minimizar os efeitos negativos da ruminação em idosos, um público cada dia maior em nossa sociedade.

Referências

- Auerbach, R.P., Webb, C.A., Gardiner, C.K., & Pechtel, P. (2013) Behavioral and neural mechanisms underlying cognitive vulnerability models of depression. *J Psychother Integr*, 23, 222-35
- Broderick, P.C., & Korteland, C. (2002). Coping style and depression in early adolescence: Relationships to gender, gender role and implicit beliefs. *Sex Roles*, 46(7), 201-213
- Brosschot, J. F., Gerin, W., & Thayer, J. F. (2006). The perseverative cognition hypothesis: A review of worry, prolonged stress-related physiological activation, and health. *Journal of Psychosomatic Research*, 60(2), 113–124. bit.ly/3hYYHmZ
- Brosschot, J.F., Pieper, S., & Thayer, J.F. (2005). Expanding stress theory: Prolonged activation and perseverative cognition. *Psychoneuroendocrinology*, 30, 1043–1049. bit.ly/3jA811g

- Buchholz, K.R., Bruce, S. E., Koucky, E.M., Artime, T.M., Wojtalik, J.A., Brown, W.J., & Sheline, Y.I. (2016). Neural Correlates of Trait Rumination During an Emotion Interference Task in Women With PTSD. *Journal of Traumatic Stress, 29*(4), 317–324. [bit.ly/3C84oWC](https://doi.org/10.1002/pts.1911)
- Crittendon, J., & Hopko, D.R. (2006). Assessing worry in older and younger adults: Psychometric properties of an abbreviated Penn State Worry Questionnaire (PSWQ-A). *Journal of Anxiety Disorders, 20*(8), 1036-1054
- Daches, S., & Mor, N. (2014). Training ruminators to inhibit negative information: A preliminary report. *Cognitive Therapy and Research, 38*(2), 160-171.
- Davis, R.N., & Nolen-Hoeksema, S. (2000). Cognitive inflexibility among ruminators and nonruminators. *Cognitive Therapy & Research, 24*, 699-711. [bit.ly/3vnHVB7](https://doi.org/10.1023/A:1008911111111)
- Delespaux E. & Zech E. (2015). Why Do Bereaved Partners Experience Interfering Rumination? Evidence for Deficits in Cognitive Inhibition. *Death Studies, 39*(8), 463-472. [bit.ly/3YUfjNp](https://doi.org/10.1080/00141801.2015.1055555)
- du Pont, A., Rhee, S.H., Corley, R.P., Hewitt, J.K., & Friedman, N.P. (2019). Are rumination and neuroticism genetically or environmentally distinct risk factors for psychopathology?. *Journal of abnormal psychology, 128*(5), 385–396. [bit.ly/3G3FDMf](https://doi.org/10.1037/abn0000481)
- Dinis, A., Gouveia, J.P., Duarte, C., & Castro, T. (2011). Estudo de validação da versão portuguesa da Escala de Respostas Ruminativas–Versão Reduzida. *Psicologica, 54*, 175-202.
- Dybå, T., & Dingsøyr, T. (2008). Empirical studies of agile software development: A systematic review. *Information and Software Technology, 50*(9-10), 833–859. [bit.ly/3l6hUOn](https://doi.org/10.1016/j.infsof.2008.07.001)
- Eszlari, N., Millinghoffer, A., Petschner, P., Gonda, X., Baksa, D., Pulay, A. J., ... Juhasz, G. (2019). Genome-wide association analysis reveals KCTD12 and miR-383-binding genes in the background of rumination. *Translational Psychiatry, 9*(1). [bit.ly/3WupKWs](https://doi.org/10.1038/s41398-019-0548-4)
- Fávaro-Moreira, N. C., Krausch-Hofmann, S., Matthys, C., Vereecken, C., Vanhauwaert, E., Declercq, A., Bekkering, G. E., & Duyck, J. (2016). Risk Factors for Malnutrition in Older Adults: A Systematic Review of the Literature Based on Longitudinal Data. *Advances in nutrition* (Bethesda, Md.), *7*(3), 507–522
- Ferdeck, M.A., Van Rijn, C.M., Wyczesany, M. (2016) Depressive rumination and the emotional control circuit: an EEG localization and effective connectivity study. *Cogn Affect Behav Neuroscience, 16*(1), 1099-1113.
- Figuroa, C. A., DeJong, H., Mocking, R.J., Fox, E., Rive, M.M., Schene, A.H., ... & Ruhé, H. G. (2019). Attentional control, rumination and recurrence of depression. *Journal of affective disorders, 256*, 364-372.
- Firmo, J.O.A., Peixoto, S.V., Souza, G.A.de, & Loyola Filho, A.I. de. (2020). Evolução das publicações em saúde do idoso na Revista Ciência & Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva, 25*(12), 4853-4862 [bit.ly/3WNueXR](https://doi.org/10.1590/1413-81222020012)
- Fleckhammer, L. (2004). Insight into the self-absorption paradox: The development of multi-faceted model of self-conscious ruminative and reflective thought.

- Unpublished doctoral dissertation. *Swinburne University of Technology*. Hawthorn, Austrália.
- Gibbs, B.R., Rude, S.S. (2004). Overgeneral autobiographical memory as depression vulnerability. *Cognit Ther Res.*, 28, 511-26.
- Gil, R. (2005). Neuropsicologia das demências. *Neuropsicologia*. São Paulo: Santos, 211-219.
- Galvão, T.F., Pansani, T.S.A, & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335-342. bit.ly/3Gpbybp
- Gandelman, J. A., Kang, H., Antal, A., Albert, K., Boyd, B. D., Conley, A. C., Newhouse, P., & Taylor, W.D. (2018). Transdermal Nicotine for the Treatment of Mood and Cognitive Symptoms in Nonsmokers With Late-Life Depression. *The Journal of Clinical Psychiatry*, 79(5).
- Gotlib, I.H., & Joormann, J. (2010). Cognition and depression: current status and future directions. *Annual review of clinical psychology*, 6, 285-312.
- Hagerty, S.L., & Williams, L.M. (2020). The impact of COVID-19 on mental health: The interactive roles of brain biotypes and human connection. *Brain, Behavior, & Immunity-Health*, 5, 100078. bit.ly/3Ca97qS
- Johnco, C., Wuthrich, V. M., & Rapee, R. M. (2013). The role of cognitive flexibility in cognitive restructuring skill acquisition among older adults. *Journal of Anxiety Disorders*, 27(6), 576-584.
- Julien, C. L., Rimes, K. A., & Brown, R. G. (2016). Rumination and behavioural factors in Parkinson's disease depression. *Journal of Psychosomatic Research*, 82, 48-53.
- Kowalski, C. M., & Schermer, J. A. (2018). Hardiness, Perseverative Cognition, Anxiety, and Health-Related Outcomes: A Case for and Against Psychological Hardiness. *Psychological Reports*, 122(6). <https://bit.ly/3C8mc3U>
- Kuyken, W., Watkins, E., Holden, E., & Cook, W. (2006). Rumination in adolescents at risk for depression. *Journal of Affective Disorders*, 96, 39-47.
- Lei nº 8.842. (1994) Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF: Congresso Nacional.
- Lo, C.S.L., Ho, S.M.Y., & Hollon, S.D. (2008). The effects of rumination and negative cognitive styles on depression: A mediation analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 46, 487-495.
- Lyubomirsky, S., Kasri, F., & Zehm, K. (2003). Dysphoric rumination impairs concentration on academic tasks. *Cognitive Therapy and Research*, 27, 309-330. <https://bit.ly/3VxQCn9>
- Mandell, D., Siegle, G.J., Shutt, L., Feldmiller, J., & Thase, M.E. (2014). Neural substrates of trait ruminations in depression. *Journal of Abnormal Psychology*, 123(1), 35–48.
- Marroquín, B.M, Fontes, M., Scilletta, A., & Miranda, R. (2010) Ruminative subtypes and coping responses: Active and passive pathways to depressive symptoms, *Cognition and Emotion*, 24(8), 1446-1455

- Martins, N.I.M., Caldas, P.R., Cabral, E.D., Lins, C.C.D.S.A., & Coriolano, M.D.G.W.D.S. (2019). Instrumentos de avaliação cognitiva utilizados nos últimos cinco anos em idosos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*, 2513-2530.
- Ministério da Saúde. (2007) *Estatuto do Idoso*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Munoz, E., Sliwinski, M.J., Smyth, J.M., Almeida, D.M., & King, H.A. (2013). Intrusive thoughts mediate the association between neuroticism and cognitive function. *Personality and Individual Differences*, *55*(8), 898–903.
- Nejad, A.B., Rotgé, J.Y., Valabregue, R., Guérin-Langlois, C., Hoertel, N., Gorwood, P., ... Lemogne, C. (2019). Medial prefrontal disengagement during self-focus in formerly depressed patients prone to rumination. *Journal of Affective Disorders*, *247*, 36–44.
- Nolen-Hoeksema, S. (1991). Responses to depression and their effects on the duration of depressive episodes. *Journal of Abnormal Psychology*, *100*, 569-582.
- Opdebeeck, C., Nelis, S.M., Quinn, C., & Clare, L. (2015). How does cognitive reserve impact on the relationships between mood, rumination, and cognitive function in later life? *Aging & Mental Health*, *19*(8), 705–712.
- Philippot, P., & Agrigoroaei, S. (2017). Repetitive thinking, executive functioning, and depressive mood in the elderly. *Aging & Mental Health*, *21*(11), 1192-1196.
- Pieper, S., & Brosschot, J.F. (2005). Prolonged stress-related cardiovascular activation: Is there any? *Annals of Behavioral Medicine*, *30*, 91–103. <https://bit.ly/3PX9eM9>
- Raes, F., Watkins, E., Williams, J.M., & Hermans, D. (2008). Non-ruminative processing reduces autobiographical memory retrieval in students. *Behav Res Ther.*, *46*, 748-56.
- Sansom-Daly, U.M., Bryant, R.A., Cohn, R.J., & Wakefield, C.E. (2016). Rumination and self-defining memories in the context of health concerns. *Memory* *24*(7), 939–948.
- Schneider, S., & Brassens, S. (2016) Brooding is related to neural alterations during autobiographical memory retrieval in aging. *Frontiers in Aging Neuroscience*, *8*, 219-26.
- Segerstrom, S. C., Stanton, A. L., Alden, L. E., & Shortridge, B. E. (2003). A multidimensional structure for repetitive thought: What's on your mind, and how, and how much? *Journal of Personality and Social Psychology*, *85*, 909–921. <https://bit.ly/3labKNk>
- Shigaeff, N., Miotto, E.C., Lucia, M.C.S.D., & Scaff, M. (2011). Processos atencionais em idosos saudáveis com alta escolaridade da comunidade da cidade de São Paulo. *Psicologia Hospitalar*, *9*(2), 96-113.
- Snyder, H.R., Miyake, A., Hankin, B.L. (2015). Advancing understanding of executive function impairments and psychopathology: bridging the gap between clinical and cognitive approaches. *Front Psychol*, *6*, 328-340.
- Silva, T.B.L. da, Yassuda, M.S., Guimarães, V.V., & Florindo, A.A. (2011). Fluência verbal e variáveis sociodemográficas no processo de envelhecimento: um estudo epidemiológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *24*(4), 739-746.

- Singh-Manoux, A., Marmot, M. G., Glymour, M., Sabia, S., Kivimäki, M., & Dugravot, A. (2011). Does cognitive reserve shape cognitive decline? *Annals of Neurology*, *70*(2), 296–304.
- Smith, J. M., & Alloy, L. (2009). A roadmap to rumination: A review of definition, assessment and conceptualization of this multifaceted construct. *Clinical Psychology Review*, *29*, 116-128.
- Stein, K.F., Morys-Carter, W.L. & Hinkley, L. (2018) Rumination and Impaired Prospective Memory. *The Journal of General Psychology*, *145*(3), 266-279.
- Stern, Y., & Barulli, D. (2019). Cognitive reserve. In *Handbook of Clinical Neurology* (1st ed., 167, 181–190 <https://bit.ly/3Q1ElpR>
- Sutherland, K., & Bryant, RA (2007). Ruminação e memória autobiográfica generalizada. *Behavior Research and Therapy*, *45* (10), 2407-2416.
- Trapnell, P. D. & Campbell, J. D. (1999). Private selfconsciousness and the Five-Factor Model of Personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, *76*(2), 284-304.
- Treynor, W., Gonzalez, R., & Nolen-Hoeksema, S. (2003). Rumination reconsidered: A psychometric analysis. *Cognitive Therapy and Research*, *27*(3), 247-259.
- Trick, L., Watkins, E. R., Henley, W., Gandhi, M. M. & Dickens, C (2019) Perseverative negative thinking predicts depression in people with acute coronary syndrome. *Chronic Illness*, *8*(2), 102-111.
- Valentin, L.S.S., Pietrobon, R., Aguiar Junior, W.D., Rios, R.P.C., Stahlberg, M.G., Menezes, I.V.G.D., ... & Carmona, M. J. C. (2015). Definição e aplicação de bateria de testes neuropsicológicos para avaliação de disfunção cognitiva pós-operatória. *Einstein (São Paulo)*, *13*(1), 20-26.
- Wang, Q., Zhao, X., Yuan, Y., & Shi, B. (2020). The Relationship Between Creativity and Intrusive Rumination Among Chinese Teenagers During the COVID-19 Pandemic: Emotional Resilience as a Moderator. *Frontiers in Psychology*, *11*, 601104. bit.ly/3vqdDgY
- Watkins, E., & Brown, R. G. (2002). Rumination and executive function in depression: an experimental study. *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry*, *72*(3), 400–402.
- Watkins, E., Moulds, M., & Mackintosh, B. (2005). Comparisons between rumination and worry in a nonclinical population. *Behaviour Research and Therapy*, *43*, 1577–1585
- Williams, L.M., (2017). Defining biotypes for depression and anxiety based on large-scale circuit dysfunction: a theoretical review of the evidence and future directions for clinical translation. *Depression and anxiety*, *34*(1), 9-24.
- Wuthrich, V.M., Johnco, C., & Knight, A. (2014). Comparison of the Penn State Worry Questionnaire (PSWQ) and abbreviated version (PSWQ-A) in a clinical and non-clinical population of older adults. *Journal of Anxiety Disorders*, *28*(7), 657-663.
- Yang, Y., Cao, S., Shields, G. S., Teng, Z., & Liu, Y. (2016). The relationships between rumination and core executive functions: A meta-analysis. *Depression and Anxiety*, *34*(1), 37–50.

- Yassuda, M.S., Lasca, V.B., & Neri, A.L. (2005). Meta-memória e auto-eficácia: um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 78-90.
- Yu, S.H., Tseng, C.Y., & Lin, W.L. (2020). A Neurofeedback Protocol for Executive Function to Reduce Depression and Rumination: A Controlled Study. *Clinical Psychopharmacology and Neuroscience*, 18(3), 375.
- Zanon, C. (2009). *Relações da ruminação e reflexão com o bem-estar subjetivo, facetas do neuroticismo e sexo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Zanon, C., & Hutz, C.S. (2009). Relações entre bem-estar subjetivo, neuroticismo, ruminação, reflexão e sexo. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2(2), 118-127.
- Zanon, C., Borsa, J.C., Bandeira, D.R., & Hutz, C.S. (2012). Relações entre pensamento ruminativo e facetas do neuroticismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 173-181.
- Zanon, C., & Hutz, C.S. (2010). Estilos de pensamento, personalidade e bem-estar subjetivo: avanços e polêmicas. *Aletheia*, 32, 80-91
- Zanon, C., Dellazzana-Zanon, L.L., & Menga Junior, E. (2018). Adaptación y Evidencias de Validez de la Escala de Respuesta Ruminal en Brasil. *Avaliação Psicológica*, 17(2), 170-179.

Conflitos de interesse

Todos os autores declaram não haver conflito de interesses.

Recebido: 01-2023

Aceito: 15-04-2023

Publicado: 01-07-2023

Sobre os autores e contato:

Ana Iza Gomes da Penha Sobral, DSc

Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife – PE – Brazil

ana.penha@ufpe.br

Antonio Roazzi, PhD

Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife – PE – Brazil

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi

roazzi@gmail.com

Aline Cavalcante Santana

Universidade Federal de Pernambuco

Departamento de Psicologia

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife – PE – Brazil

aline.cavalcante@ufpe.br

Lucas Migge

Universidade Federal de Pernambuco

Departamento de Psicologia

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife – PE – Brazil

lucasmigge@gmail.com

Renata Maria Toscano Lyra Nogueira, DSc

Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife – PE – Brazil

renata.nogueira.@ufrpe.br



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Apêndice A. Variáveis dos estudos elegíveis para essa Revisão sistemática

| ID | Título/Ano | Objetivo | Amostra/Metodologia | Avaliação Cognitiva | Avaliação Ruminância | Relação Cognição x Ruminância | Resultados |
|----|---|---|--|--|--|---|--|
| 01 | Transdermal Nicotine for the Treatment of Mood and Cognitive Symptoms in Nonsmokers With Late-Life Depression - 2018 | Identificar se a nicotina transdérmica beneficia os sintomas de humor e o desempenho cognitivo em idosos depressivos. | - 15 Indivíduos com mais de 60 anos que atendem aos critérios do DSM-IV-TR para Transtorno Depressivo Maior; - Apresentar, no mínimo, 15 pontos na MADRS; - Pontuação MoCA 34 ≥ 24; - Declínio cognitivo subjetivo endosso ≥ 20% dos itens no Índice de Queixa Cognitiva; - Aplicação diária de nicotina transdérmica por 12 semanas | - Cognitive Complaint Index; - MoCA; - MFQ; - Cogstate battery ; - CPT | - PSWQ ; - RRS | Após a aplicação da nicotina houve diminuição da ruminação acompanhada por melhora da cognição | " melhora no desempenho cognitivo subjetivo; " melhora na memória episódica; " melhora na velocidade da memória de trabalho. |
| 2 | Rumination and behavioural factors in Parkinson's disease depression -2016 | Investigar a contribuição de fatores psicológicos essenciais para a presença e o grau de sintomas depressivos | " 104 indivíduos com Doença de Parkinson sendo; " sendo 51 participantes com depressão; " responderam a um conjunto de questionários; " as subescalas do IPQ-R e CBSQ foram inseridas em análises de regressão múltipla separadas para identificar os preditores mais fortes da gravidade dos sintomas de depressão | 1- "CBAS; 2- "CBSQ; 3 - DAS-24; 4 - RRS ; 5- IPQ-R; CVBSQ | RRS | * Doença de Parkinson tem associação com atenção e função executiva; * podem exacerbar a tendência à ruminação | * A evitação comportamental de atividades sociais foi significativamente preditiva à ruminação; * A redução inicial de estresse e da ansiedade social pode evoluir para um padrão mais crônico de evitação. * Isolamento aumenta a vulnerabilidade à depressão e manutenção do humor deprimido |
| 03 | Repetitive thinking, executive functioning, and depressive mood in the elderly -2017 | Investigar a associação entre funcionamento executivo, pensamento repetitivo e humor depressivo em uma amostra de adultos | - 43 voluntários; - 75 anos ou mais; - realizar o teste; - não apresentar sinais de demência ou baixo desempenho da memória (diagnosticado por um neurologista) | " Stroop; " TMT; " The Fluency test | The Mini Cambridge-Exeter Repetitive Thought Scale: para pensamento repetitivo | " Humor depressivo associado à disfunção executiva; | *As capacidades executivas estão relacionadas positivamente com o pensamento repetitivo concreto e negativamente para o abstrato ; "humor depressivo relacionado às funções executivas |



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

| | | | | | | | |
|---|--|---|--|---|--|---|---|
| | | mais velhos, | | | concreto e abstrato | | |
| 4 | Perseverative negative thinking predicts depression in people with acute coronary syndrome -2019 | Investigar o papel da preocupação e ruminação na previsão de depressão em pessoas com Síndrome coronária aguda recente. | - Idosos atendidos em serviços especializados de cardiologia. * 169 participantes * linha de base foram coletadas e as avaliações do questionário inicial administradas dentro de 6 meses do índice ACS (linha de base) | *Questionário personalizado para dados gerais e específicos; * IMD para status socioeconômico; * Cognitivamente não especificou um questionário | * PSWQ * RRS | * Estabelece a ruminação como preditor da depressão que ocasiona alterações cognitivas | * A ruminação ou brooding rumination prediz a depressão subsequente em pessoas com SCA recente; * Associação da depressão com diminuição da capacidade de resolução de problemas |
| 5 | How does cognitive reserve impact on the relationships between mood, rumination, and cognitive function in later life? - 2015 | *Avaliar a reserva cognitiva, sintomas depressivos, ansiedade e ruminação; * Investigar se diferem em pessoas com níveis baixos e altos de reserva cognitiva | * 236 participantes com mais de 60 anos; * Idade e boas condições de saúde segundo autorrelato, sem história de distúrbio neurológico, depressão, psicose ou comprometimento cognitivo. | * Rivermead Behavioural Memory Test Version 2 ; * The Phonemic Fluency Test; * MoCA | *RRS; *Anxiety and Depression Scale | Indivíduos com maior ansiedade foram piores nos testes de memória e recordação. A ruminação se apresentou como um preditor positivo para o teste de fluência verbal | A associação entre ruminação e fluência verbal foi positiva, sugerindo que altos níveis de ruminação foram melhor nesse teste. |



Revista Amazônia, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

| | | | | | | | |
|---|---|--|--|--|---|--|---|
| 6 | Why Do Bereaved Partners Experience Interfering Rumination?: Evidence for Deficits in Cognitive Inhibition -2015 | Investigar am se os déficits na inibição cognitiva estavam relacionados à ruminação recorrente associada à gravidade das reações de luto | *Recrutados por meio de colunas de obituários de jornais diários regionais e sites da Internet * 61 pessoas enlutadas * Nunca realizaram treinamento cognitivo anterior | MMSE | RRS ; ITG | *A ruminação se relacionou à perseveração e inflexibilidade cognitiva; * A relação obtida entre ruminação e déficits na inibição de material relacionado ao luto sugere uma associação estreita entre ruminação e déficits de inibição para informações negativas gerais. | *Maior ruminação está associada a menores efeitos de NAP ao processar informações relacionadas ao luto; *A ruminação, após a perda de uma pessoa significativa, está associada a déficits de inibição ; * As disfunções inibitórias na MO e a tendência a ruminar em resposta a estados de humor negativos tenham se mostrado associados ; * A associação entre déficits inibitórios e ruminação não permaneceu significativa quando os escores de reação de luto foram controlados estatisticamente |
| 7 | Brooding is related to neural alterations during autobiographical memory retrieval in aging -2016 | Verificar se o treinamento da capacidade e de memória autobiográfica aumenta a resiliência contra a depressão em idosos | * 22 idosos recrutados por meio de anúncios em jornais e bancos de dados existentes; * Para excluir prováveis síndromes de demência subclínica ou transtornos depressivos foram submetidos a uma avaliação neuropsicológica detalhada : MoCA (com um corte de <26); MINI e BDI com corte > 17). | * MoCA ; * Memória autobiográfica: avaliada usando 48 Questões sobre Módulos de Satisfação com a Vida | * Subescala "Brooding" da versão alemã do RSDQ; * Questionário de Personalidade de Eysenck; * Questões sobre Módulos de Satisfação com a Vida | * A ruminação em adultos mais velhos relaciona-se à recuperação da memória autobiográfica prejudicada em termos de tempos de construção mais longos e classificações de detalhes mais baixas. * Idosos sem ruminação se engajaram no controle cognitivo para suprimir um impacto de processos autorreferenciais potencialmente interferentes na recuperação detalhada da memória. | * Idosos ruminantes precisaram de mais tempo para construir um evento de memória autobiográfica; * Avaliam suas memórias como menos detalhadas, possivelmente devido à interferência do pensamento ruminativo. * Os participantes com maior tendência à meditação relataram suas memórias como menos positivas e demonstraram um aumento da atividade na amígdala direita. |



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

| | | | | | | | |
|---|---|--|---|--|-----------|---|---|
| 8 | The role of cognitive flexibility in cognitive restructuring skill acquisition among older adults. -2013 | Investigar o impacto da flexibilidade e cognitiva na capacidade e de indivíduos mais velhos aprender a reestruturação cognitiva. | *41 participantes entre 60-86 anos residentes na comunidade foram recrutados através de anúncios em jornais; * Os participantes foram inicialmente selecionados pelo telefone e fizeram algumas perguntas básicas para avaliar a funcionalidade e garantir que pudessem assistir a uma sessão de teste na universidade; * Os participantes eram excluídos se experimentassem ansiedade, depressão ou qualquer outra condição de saúde mental em um grau clinicamente significativo, teste GDS e GAI | * Digit Span ; * MMSE; * Wisconsin V-4 ; * TMT-B; * COWAT; * Stroop Color-Word Test; * RFFT; | * PSWQ | * A ruminação impacta na flexibilidade cognitiva e dificulta a aquisição de habilidades de reestruturação cognitiva; * Demonstram dificuldade em reconhecer erros de pensamento e fazer correções apropriadas. | * Flexibilidade cognitiva intacta e níveis normais de ansiedade e depressão, a reestruturação cognitiva pode ser realizada por idosos. * Reestruturação cognitiva de pior qualidade foi relacionada a prejuízos no estado cognitivo e no desempenho da flexibilidade cognitiva; * Idosos com ansiedade e depressão tendem a ter flexibilidade cognitiva prejudicada ; * Idosos com pensamentos mais rígidos demonstraram FC pior, dificuldade em reconhecer erros de pensamentos e fazer as correções apropriadas. |
|---|---|--|---|--|-----------|---|---|
